



N.º 84 — LISBOA, 18 DE AGOSTO

2.º ANNO 1904

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

**Publica-se ás quintas-feiras**  
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**

**PREÇO AVULSO 20 RÉIS**  
Um mez depois de publicado 40 réis

**Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º**

**Assignaturas (pagamento adiantado)**

Lisboa e provincias, anno 52 num. 15000 rs.  
Semestre, 26 numeros..... 5000 rs.  
Cobrança pelo correio..... 5100 rs.

Brazil, anno 52 numeros..... 25000 rs.  
Africa e India Portuguesa, anno 15000 rs.  
Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 15000 rs.

**NOTA:** — As assignaturas por anno e por semestre accetam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

**EDITOR — CANDIDO CHAVES**

**COMPOSIÇÃO**  
**Minerva Peninsular**

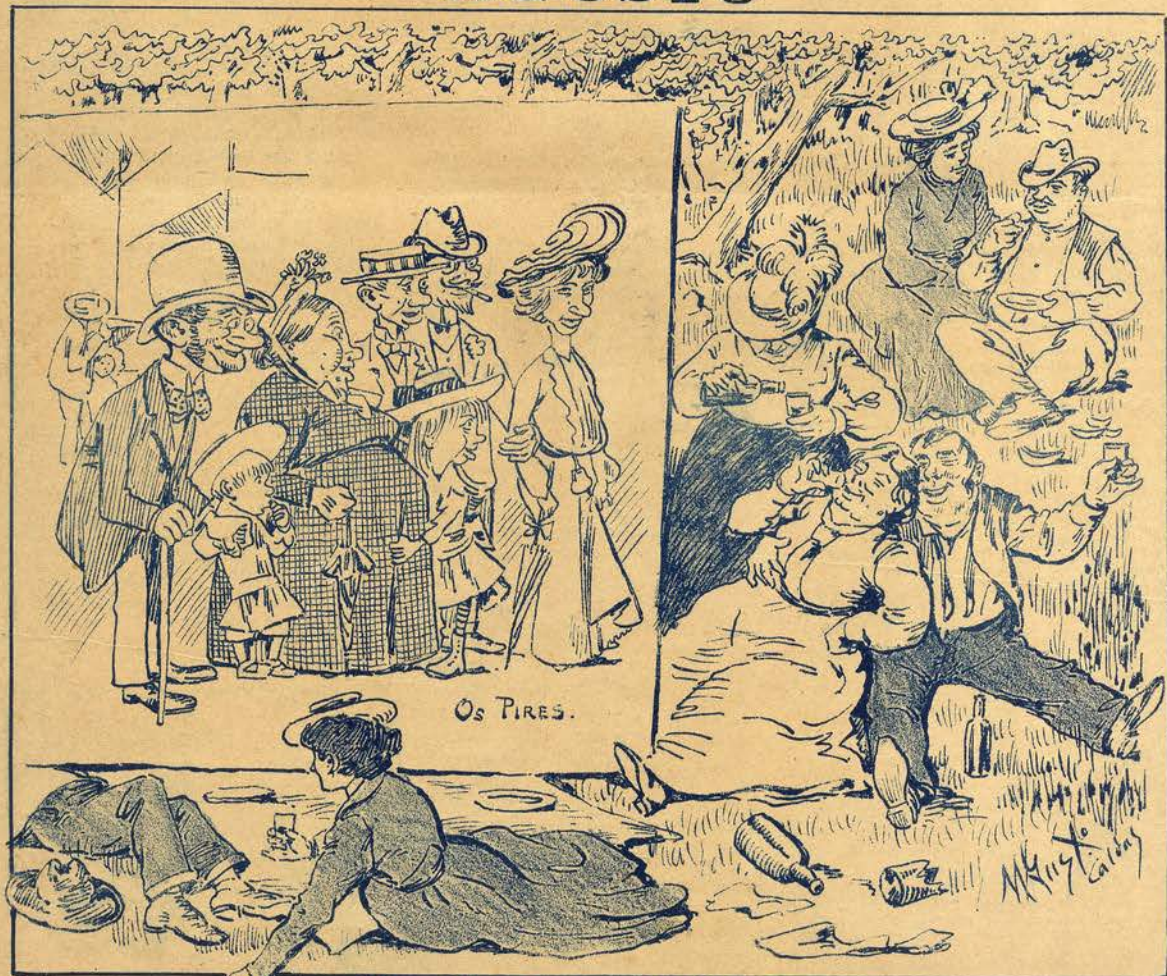
82, Rua do Norte 82

**IMPRESSÃO**

**Lithographia Artistica**

Rua 10 Almada, 32 e 34

### AGOSTO



Os Pires.

**Excursões e excursionistas**

## Um jornalista hespanhol em Lisboa

O sr. Luiz Morote, nosso confrade da imprensa hespanhola, continúa entre nós na faina para nós tão sympathica de inquirir da nossa civilização e de a contar nas largas columnas do *Heraldo*; e eis aqui que, tendo investigado os costumes reinantes, o sr. Morote entra na averiguação das idéas predominantes na politica, na arte e na litteratura, para o que tem entrevistado alguns homens de Estado e folheado um certo numero de revistas.

Nenhuma tarefa—digamol-o outra vez—nos pôde ser mais grata. Apesar da nossa velha historia, nós somos contemporaneamente um povo obscuro, como o é a Grecia, no entanto tão rica de tradições, e se somos obscuros para o geral das nações, não deixamos de o ser para a Hespanha, que apesar de partilhar connosco a posse de um territorio por assim dizer commum, só nos conhece pelo facto de nos termos afastado da sua soberania em 1640, o que até certo ponto mantem vagamente no seu espirito a idéa de que não constituimos ainda o que se chama uma nacionalidade, mas verdadeiramente um caso tenaz de rebellião. O sr. Morote pretende prestar-nos duplamente serviço: atrahindo sobre nós uma attenção sympathica e, junto do seu paiz, ainda cheio de prevenções a nosso respeito, reconhecendo os nossos esforços para uma vida independente.

Simplemente o que tememos muito é que os resultados d'este emprehendimento não correspondam ás facultades excellentes do nosso confrade hespanhol e que, depois da sua visita ao nosso paiz, nós não fiquemos, pelo menos aos olhos da Hespanha, mais claros do que já o estamos.

Emquanto o sr. Morote faz paisagem, tudo vae bem. As impressões da natureza são tanto melhores quando mais breves. Pelo que diz respeito aos costumes reclama-se é certo, uma observação mais demorada, afim de evitar as facéis generalisações que, de todo o tempo, foram o irresistivel sestro dos viajantes; mas debaixo d'este ponto de vista, um certo numero de inexactidões não prejudica sensivelmente o aspecto das civilizações. Quando, porém, o viajante procura dar o balanço intellectual e moral ao paiz que visita, então ha realmente motivo para que nos alarmemos, porque o caracter de um povo e a sua intelligencia não são coisas sobre as quaes se faça uma apressada *reportage*, sem cair em inexactidões fundamentaes e em tremendos

equivocos. Não se pede, por exemplo, para vêr a litteratura de um povo, como se pede para vêr um monumento. O sr. Morote pôde apreciar os Jeronymos n'um simples golpe de vista, mas já não pôde fazer outrotanto se quizer conhecer por exemplo, Herculanu e Garrett. Os monumentos litterarios estão occultos no mysterio da sua lingua. Mas se Herculanu e Garrett não constituem padrões da grandeza nacional, apreciaveis á simples inspecção, constituem no entanto verdades averiguadas no abstracto do pensamento. O sr. Morote pôde não ser illudido com respeito a estes dois factos—a Historia e o Theatro, nas suas mais altas representações nacionaes. Assim como os Jeronymos estão irrecusavelmente em Belem, assim Herculanu e Garrett estão irrecusavelmente na litteratura, posto não estejam nos *guias de viajante*.

Imaginemos, porém, que o sr. Morote pede que lhe mostrem não já Garrett e Herculanu, sobre cujas individualidades não pôde haver confusão, mas simplesmente e arbitrariamente os romancistas, os dramaturgos, os publicistas, os poetas, nas suas representações mais dignas de serem assignaladas por um viajante de casta intellectual, como é o nosso confrade hespanhol.

O sr. Morote corre o risco de ser francamente illudido.

Como vimos, sobre os Jeronymos não ha duvidas. Nenhum interprete, por mais embusteiro, lhe poderá por exemplo impingir, em vez dos Jeronymos—Jeronymos, Martins & Filho. Mas se o sr. Morote pede que lhe indiquem o melhor hotel, a melhor casa de cambio, ou a melhor loja de bebidas a que somma de inspirações facciosas não está sujeito!

O seu interprete visto que naturalmente o sr. Morote terá de recorrer a um—encaminhal-o ha não para os melhores logares, mas para os que lhe forem mais sympathicos, e em materia de litteratura, como em materia de lojas de bebidas, o interprete vae para onde lhe pucha o corpo.

Resultado: o sr. Morote frequentará pessimos logares e do seu esforço para conhecer o paiz não sairá senão equivoco e confusão. Revelará á Hespanha a existencia de falsos romancistas, de falsos dramaturgos, de falsos poetas, de falsos escriptores, e, tendo querido engrandecer a nação, acabará afinal por falsificá-la.

A condição essencial—este é o facto—para conhecer um povo, é conhecer a sua lingua. Querer conhecê-lo por intermedio de um interprete, é cair nos peiores erros. O sr. Morote anda a esta hora através do Portugal intellectual, como os inglezes andam nas ruas—pela mão. Mostram-lhe a litteratura como lhe mostrariam a cidade. Aqui chamam-lhe a attenção para a Madre de Deus, ali para

o sr. Sousa Monteiro; aqui para a Casa dos Bicos, ali para o sr. Fernandes Costa; e o sr. Morote vae considerando e apontando tudo a esmo, como monumentos nacionaes. Não sabemos mesmo como ainda não houve um grosso equivoco e como o sr. Morote não declarou o estylo do sr. Fernandes Costa manuelino, e como não metteu a Madre de Deus na Academia Real das Sciencias. Estes equivocos não nos prejudicariam por certo muito consideravelmente aos olhos da Hespanha, mas tambem não contribuiriam para augmentar ás suas luzes a nosso respeito, e, em resumo, a intenção sympathica do nosso confrade hespanhol perder-se-hia n'uma terrivel salgalhada de afirmações, proposições e erros de orthographia.

E' o que prevemos e é o que sentimos.

JOÃO RIMANSO.



### Mulheres fracas e mulheres fortes

O correspondente do *Diario de Noticias*, em Almada, produz a seguinte copiosa informação:

«Um cobarde maltratou hontem domingo, na praça de Camões, d'esta villa, uma pobre e indefeza mulher. Um homem que bate em mulheres fracas é um ente desprezível.»

D'onde se deduz que outro tanto não succede com os que batem nas mulheres fortes.

Com effeito, a mulher forte é uma circumstancia attenuante.



### A cura dos idiotas

As *Novidades* annunciam que se descobriu um processo de curar os idiotas.

Em idiotas até á idade adulta—escreve aquelle nosso collega—foi um exito. Idiotas de todo (isto na Austria) começaram a frequentar a escola com aproveitamento, mas accrescenta: «Nos idiotas de idade mais avançada, já os casos de cura foram mais raros.»

E' o idiota chronico. Não tem cura. Em geral, aposentam-n'os.



Ourivesaria e Relojoaria

com officina anexa

de fabrico e

reparos

JOIAS

COM

bellhantes

PREÇOS

Limitadissimos

99, RUA ABREIA, 99

**A lapide**

A questão das lapides continuou a ser tratada na camara municipal, sendo proposto pelo vereador, sr. Carvalho Pessoa, que não possam d'ora ávante ser reconstruidos ou modificados os predios em que houver lapides, sem que os respectivos proprietarios se comprometam a conservar-as no lugar em que estavam.

O essencial para o sr. vereador Pessoa não é que se conserve a lapide. A casa não tem importancia. Póde ser reconstruida, ou modificada. Póde mesmo ser substituida por outra. Póde mesmo desaparecer. O que tem importancia é a lapide.

X., grande homem, teve as honras da lapide na casa em que nasceu, viveu, ou morreu. Mais tarde, é certo, a casa soffreu modificações que lhe alteraram profundamente a structura, a configuração, o aspecto. Tinha uma fachada humilde, uma porta tímida e quatro tímidas janellas. — Passou a ter uma fachada ostentosa. Tinha um andar. Passou a ter cinco. Não é mesmo já a casa do grande homem. E' outra casa e é outra cousa. E' talvez mesmo, quem sabe? — uma simples parede.

Não importa!

O sr. vereador quer que a lapide sobreviva á casa, e que embora a casa seja destruida, a lapide fique quando não seja n'outro lugar — no chão.

O mais curioso é que a proposta do sr. Carvalho Pessoa foi approvada por unanimidade

**Figaro, ou lojas de barbeiro**

Os barbeiros do Porto publicaram um manifesto reclamando o descanso ao domingo.

Segundo parece, no Porto faz-se a barba ao sabbado, e então no seu manifesto os barbeiros queixam-se de que aos sabbados as suas lojas se transformam em clubs, tendo elles de curvar-se perante todas as opiniões. São estas as textuaes palavras do documento em questão:

«Ao sabbado, então, a loja de barbeiro transforma-se em club e d'ahi o official de barbeiro é obrigado a atturar todas as impertinencias, a curvar-se perante todas as opiniões».

E' lamentavel que assim seja, mas assim foi sempre.

As lojas de barbeiro de todo o tempo foram o refugio de todas as opiniões, e de todo o tempo o barbeiro, se não as reconheceu, as acolheu com um sorriso nos labios e uma toalha no braço.

As reivindicações dos barbeiros do Porto dão-nos a entender que vae haver modificação n'esta ordem de coi-

sas. Vae haver lojas de barbear — progressistas. Vae haver lojas regeneradoras. Haverá também lojas republicanas e nada nos impede de acreditar que mesmo certos schismas politicos, como o franquismo, o nacionalismo tenham a sua loja.

Sómente, se isto vae ser assim, isto vae ser o diabo para os freguezes. Como conhecer n'um caso de pressa, a loja que barbeia segundo os nossos principios e as nossas convicções? Um barbeiro que não seja da nossa opinião póde encher-nos a cara de lanhos. Quem sabe mesmo a que excessos elle poderá chegar estando como está, munido de uma navalha de barba e pondo-a ao serviço dos seus facciosismos politicos?

O que está portanto naturalmente indicado; desde que os barbeiros reivindicam o direito, aliás muito legitimo, de ter opiniões politicas, é que as ponham na tableta, ou, pelo menos, na montra, entre as escovas de dentes e a loção de violettas de Gellé Frères, para que a gente saiba, ao fazer-se barbear, com que facção está tratando, e se prive assim de emitir opiniões que a possam descontentar.

Nas tabletas poderia dizer-se por exemplo:

**LOJA DE BARBEAR**

**Moralidade e economias**

Ou:

**Coiffeur—Peluquero—Hair-dresser**

**Liberdade, Igualdade e Fraternidade**

Ou então isto:

**Aqui se fazem barbas e se deitam bichas**

NO

**Partido Regenerador Liberal**

Feitas estas indicações, a gente já sabe: vae ao barbeiro do seu partido e inscreve os lanhos que receber na cara, á conta do seu partido, na sua folha de serviços.

**Amor e telephone**

Um millionario de Chicago, mister Oscar Lewis, intenta uma acção de divorcio contra sua esposa, accusando-a de ter trocado um beijo pelo telephone, com um seu admirador.

Não é a primeira vez—acrescenta o jornal que dá esta noticia—que o telephone tem um papel no amor.

Não é a primeira vez e não será a ultima.

**GORDON BENETT**

Esteve ha dias em Lisboa, a bordo do seu yacht de recreio, o famoso ricaço, proprietario do *New-York Herald*, Gordon Benett, e por muito que os jornaes teimem em condecorar este cidadão do North-America com o titulo de jornalista, nós recusamos-nos absolutamente, não diremos já a acreditar que elle o seja, mas que seja digno de o ser, em virtude das razões que passamos a expôr.

O jornalismo não é em primeiro lugar uma profissão. Só é uma profissão a que reclama tirocinio, que o jornalismo não tem e perfeitamente dispensa. Mas quando seja uma profissão só o é com a condição de ser uma profissão má e tão má, que geralmente se passa por ella como gato sobre brazas. Qual o escriptor que não foi jornalista? Todos o foram. Raros o continuam a ser. Quem um dia entrou no jornalismo e ficou no jornalismo é porque não encontrou porta para sair. Fica-se no jornalismo por falta de aptidões que nos permitam fazer outra coisa, por pobreza, por negligencia, por sedentarismo, ou por habito.

Ora, admitindo que Gordon Benett tivesse estado um dia no jornalismo, é absurdo admittir que se deixasse ficar, como os jornaes dizem, jornalista profissional, dada a posse da avultada fortuna que lhe attribuem, porque só é jornalista profissional—isto está dito e foi proclamado no congresso de Roma—aquelle que exclusivamente se occupa do jornalismo, o que não é o caso de Gordon Benett, que se occupa muito mais da sua fortuna do que do seu jornal.

Por isso asseveramos que se elle é, apesar de tudo, um jornalista, elle não é digno de o ser, porque para ser verdadeiramente jornalista, é preciso não poder ser mais nada no mundo. Gordon Benett é um industrial, é um capitalista, é um especulador, é um accionista. Jornalista não é. Os jornalistas não dão dividendo.

**Ambições e partidos**

Em conversação com o sr. Luiz Morote, o sr. Hintze Ribeiro disse que era uma felicidade para o paiz que houvesse só dois partidos, porque assim se continham as ambições.

Em rigor assim é: as ambições contem-se nos dois partidos; mas também ambição que não seja progressista ou regeneradora — é ambição ao mar.

Os ambiciosos, em Portugal, tem de ir á rua de S. Bento ou á rua dos Navegantes, receber o carimbo dos dois partidos. Sem isso, não circulsam.

# A GUERRA RUSSO-JAPONEZA



O TALHO

Um jornal embriagador

Um dos nossos confrades de Lisboa apresentava em um dos seus ultimos numeros o seguinte aspecto:

Um artigo de fundo intitulado — *Alcool*;

Uma transcrição de outro jornal, intitulada—*A questão do alcool*;

Um *suelto* intitulado—*Aguardente e alcool*;

Uma polemica com outro jornal sobre—*alcool*;

Dois annuncios assim intitulados—*Compra de aguardente e alcool nacionais e Venda de aguardente e alcool*.

Estamos portanto em presença não de um jornal, mas de uma loja de bebidas.

Nós, pelo menos, tendo lido uma parte do jornal, sentimos os primeiros symptomas da embriaguez. Felizmente que paramos a tempo e decidimos não ler, isto é, não beber mais.

José Estevam e o systema liberal

O systema liberal nunca pode vêr os liberaes com bons olhos.

Agora, em Aveiro, tem sido um trabalhão para fazer uma manifestação a José Estevam. A autoridade local, depois de ter prohibido algumas conferencias e interrompido outras, supprimiu do programma os discursos, fiscalizou as cordões, contou a dedo os manifestantes que hão de entrar no cemiterio e que ficaram reduzidos ao numero de vinte.

Setenta annos depois de implantado o systema liberal, José Estevam é considerado subversivo.

Um grão-duque

As agencias telegraphicas annunciam que a tzarina Alexandra teve emfim um grão-duque.

Devemos esclarecer, para elucidação dos espiritos que não tenham comprehendido este facto, que o grão-duque em questão — é apenas um robusto menino.



Peço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

Uma escola pollice!

As municipalidades de Dortmund, Bochum e Hagen, que pelo nome não percam, acabam de organizar uma *escola de policia*, na qual os futuros guardas receberão um ensino completo e apropriado.

Escola de policia, em Portugal, já temos.

E' o publico.

Frei Thomaz

Paulo Bourget publicou um novo romance, no qual procura tornar o divorcio antipathico e em que o declara *funesto, criminoso e impio*. Depois do que elle nos disse do casamento, é realmente a conclusão a que se deve chegar.

Em Vichy

José Parreira escreve de Vichy ao *Diario de Noticias*:

«Anda toda a gente a bufar.»

E chama-se a isto uma estancia elegante!

Bancarrota

O deputado sr. Queiroz Ribeiro, em viagem pela Galliza, teve occasião de visitar o conhecido poeta hespanhol D. Manuel del Palacio, de quem recolheu a seguinte opinião sobre a poesia em Hespanha:

«—A poesia, em Hespanha, va n'uma grande decadencia. Temos poetas, mas não temos poesia. Faltou a fé. Nós, os de outro tempo, eramos revolucionarios, enchiamos as cadeias, mas acreditavamos. Não gostavamos do conhecido e confiavamos no desconhecido. Hoje, não se crê em nada: nem em Deus, nem na Patria, nem no Amor. Se ao menos a duvida fosse forte, ainda ella podia ser uma fé. Mas, duvida-se tão frouxamente como se crê. Os que ainda acreditam um pouco exageram e apparentam de fanaticos. Os outros exageram tambem e fingem-se inteiramente scepticos. Mas todos soam a falso.»

Assim é talvez. Mas em que quer o velho Manuel del Palacio que se creia?

Aquillo em que outr'ora se acreditava e em que nós mesmos acreditámos —perdeu o credito.

Não se crê em Deus, não se crê na Patria, não se crê no Amor. Que quer, se tudo falliu! O mundo é uma vasta bancarrota. Mas—o velho poeta está muito entrado em annos para vêr isto — não ha motivo para suppor que seja o fim do mundo. Depois da bancarrota das palavras, veremos fazer-se a fortuna dos factos.

## GUITARRA DA PARODIA

## MOTE

Tu cantas, eu choro e gemo,  
E' diverso o meu viver,  
Tu cantas sem ter amor,  
Eu de amor hei de morrer.

## GLOSA

O' mulher idolatrada  
A quem dedico o meu peito,  
Não me affronta o teu despeito,  
Que não te deixo por nada;  
Serás sempre a minha amada,  
O teu desdem não o temo,  
Por ti me mato e blaspheмо  
Contra as injurias da sorte;  
Ambos caminho da morte,  
Tu cantas, eu choro e gemo.

Tu cantas porque não amas  
Como eu amo, doidamente,  
Eu choro e gemo dolente  
Por arder em vivas chammas;  
Ao vêr-me, tu não te inflammas  
De bemfazejo prazer;  
Não sabes o que é soffrer,  
Tu vives só para rir,  
Eu para amar e carpir,  
E' diverso o meu viver!

Tu cantas doidas cantigas  
De louca felicidade,  
Corre alegre a mocidade,  
Como o vento entre as espigas;  
Ao pé das mais raparigas,  
At' ignoras o que é dôr;  
E's tal qual o trovador  
Que canta verso roubado;  
Tu cantas sem ter amado,  
Tu cantas sem ter amor!

Eu choro e gemo na fragua  
D'uma paixão traiçoera,  
Que ao vêr-te tão feiticera  
Me consumo em funda magua;  
Meus olhos, ribeiros de agua  
Que não cessam de correr,  
Hão de chorar e soffrer  
N'um tormento miserando,  
Tu has de viver cantando,  
Eu de amor hei de morrer!

GILBERTO.

**SALA MOZART**

**MONTEJONSEA**

**PIANOS**

**ORGÃOS**

Instrumentos musicais

**RUA IVENS 52, 54**

**LISBOA**

Estava a linda Ignez posta em socego,  
Sentada ao bastidor e pensativa;  
E a mãe lhe perguntou—o que motiva  
Desamor ao trabalho e desapego?  
A pequena, que andava a aprender grego,  
Responde com a voz muito expressiva:  
—O destino fatal hoje me priva  
Das jóias que a *maman* me pôz no prégo!..  
—Não lamentos, menina, o teu estado,  
Sacode a magua atroz do coração  
Porque tens um *papá* que é deputado!..  
Isto disse a *maman*. E vae então,  
Mettendo-se n'um trem, perto alugado,  
Foi ter com o ourives Mergulhão.  
**Ourivesaria e relojoaria Mergulhão**  
**162, R. de S. Paulo, 162-B**

**Leilão de penhores**  
**Travessa da Queimada, 21 a 25**  
**TERÇA** feira, 6 de setembro, e dias seguintes, ao  
meio dia. Consta de objectos de ouro e  
prata, alguns com brilhantes, relógios, roupas para d  
versos usos, varias peças de mobilia e muito outros arti-  
stos.  
Este leilão é transacção do que havia ter lugar em  
17 de agosto, e que se realisa nos termos dos avisos pu-  
blicados em 10 e julho ultimo, devendo os srs. mutua-  
rios satisfazer com antecedencia os seus debitos.

**MARCAS PARA COTILLONS**  
Grande sortimento—Ultimas novidades—  
Preços muito baratos—Afonso de Pinho &  
Coelho da Silva—Casa de Novidades—145,  
Rua do Ouro, 145.

**GOARMON & C.ª**  
Mosaicos Hydraulicos e Ceramicos.  
Azulejos em Faiança e Cartão.  
Tijollos em Cimento.  
Telha e Escama vidrada.  
Quadros e ornato para Chalets.  
**21—T. do Corpo Santo—Lisboa**  
Catalogos sob requisição

 **ORTHOPÉDIA**  
**CASA ESPECIAL DE FUNDAS**  
**e aparelhos orthopedicos**  
**DE MANUEL MARTINS**  
FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS  
DE SAUDE, DE BENEFICENCIA,  
ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.  
**154, Rua da Magdalena, 154-A**  
(ANTIGA Calçada do Caldas  
Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa

**CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL**  
**Gaston Piel**  
Das 9 da manhã às 5 da tarde  
**PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16**

  
**FATOS em Paleto de 25000 a 250000**  
**FATOS em Frak de 120000 a 320000**  
**FATOS em Sobrecasaca de 160000 a 350000**  
**FATOS em Casaca de 200000 a 360000**  
na **Casa das thesouras**  
**51—Rua da Escola Polytechnica—55**  
**JOSE CLEMENTE**

**COMPANHIA**  
**DE**  
**PANIFICAÇÃO LISBONENSE**  
**INAUGURAÇÃO**  
**DO**  
**DEPOSITO DE PÃO**

**NA**  
**Rua das Necessidades, 2 a 6**

Foi aberto ao publico o  
**DEPOSITO DE PÃO**  
que é fornecido pela importante fabrica de systema me-  
chanico, que se impõe ao consumidor pela sua qualidade  
superior, asseio e hygiene.

No mesmo **DEPOSITO** encontra-se á venda um sorti-  
mento completo de productos de todas as especialida-  
des da acreditada **PASTELLARIA TABOENSE** na rua de  
**D. Pedro V.**  
Ha tambem um variado sortimento de **VINHOS, LICO-  
RES, CERVEJAS A COPO, GELADOS, etc.**

**PINTOR E RETRATISTA A CRAYON**  
**ALFREDO TAVEIRA**  
com o curso completo de desenho da  
**ACADEMIA REAL DE BELLAS ARTES DE LISBOA**  
**42, R. da Barroca, 44**  
**PREÇOS MODICISSIMOS**  
Retratos a crayon em todos es tamanhos  
e diversos preços, garantindo-se a seme-  
lhança e o bom acabamento.  
**PINTURAS DE TABOLETAS**  
**E TRABALHOS EM VIDRO**

**RESTAURANT PARIS**  
**JOSÉ FERNANDES**  
**SERVEM-SE: Jantares de mesa**  
**redonda a 600 réis**  
**Servico de lista a toda a hora**  
**Pratos especiais para oeias**  
**Gabinetes de 1.ª ordem**  
**63, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 67**  
**2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4—LISBOA**

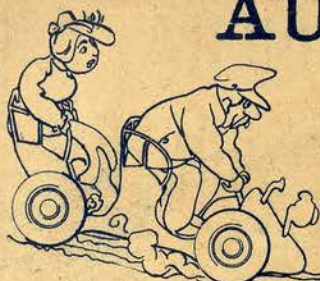
**BANHOS**  
**DAS** afamadas aguas do Poço do Borratem, conheci-  
das desde 1522 com grande exito nas molestias  
de pelle e outras enfermidades. Fazem-se assignaturas  
de 10 banhos simples ou douçãos com 20 % de desceito  
e de vapor com 40 %. Abre este antigo estabelecimento  
as 5 horas da manhã e fecha ás 6 da tar de.  
**4, Poço de Borratem, 1.ª**

**PADARIA LUSO VIENNESE**  
**DE**  
**Carrolo Nina & C.ª**  
**INDEPENDENTE DAS COMPANHIAS**  
**42, Rua da Oliveira ao Carmo, 24**  
**(TELEPHONE 819)**  
**Começou** já a sua laboração e os seus  
proprietarios agradecem re-  
conhecidos a protecção que o publico lhes  
tem dispensado, animando-os assim na sua  
iniciativa.

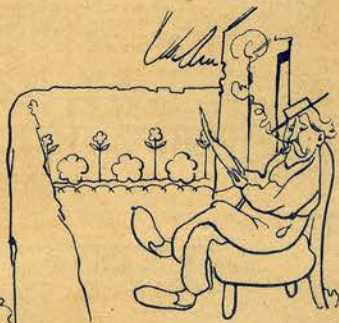
Conta já no numero dos seus freguezes  
parte dos principaes restantes da capital.  
A manipulação e gerencia acha-se a car-  
go dos seus socios José Bento Rodrigues e  
Carlos Waltz, que foram antigos empregados  
na padaria Lisbonense, na calçada do  
Sacramento a qual ultimamente entrou na  
fusão das padarias, motivo porque resolve-  
ram estabelecer se e assim attendendo á sua  
longa pratica, pôdem garantir aos seus fre-  
guezes um fabrico especial em todos os pro-  
ductos.

Declaram que não tem fundamento algum  
a noticia propalada com respeito á passagem  
d'este estabelecimento para as companhias  
que representam a fusão das padarias.  
Chamam a atenção do publico para a sua  
bolacha d'agua e sal, systema Abraham por  
ser realmente de qualidade superior.

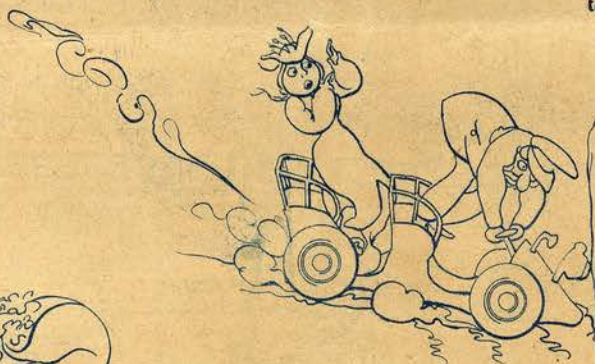
# AUTOMOBILISMO



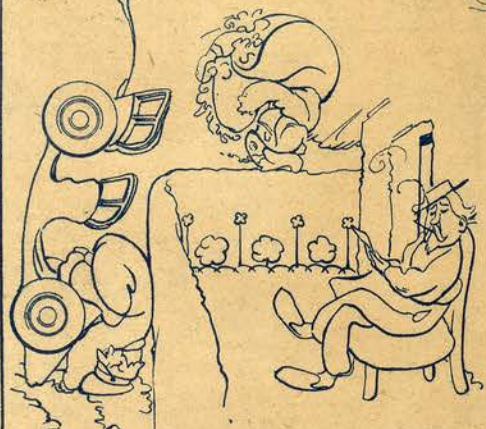
«Accidente de automovel—Hontem, o automovel do sr. marquez de X...



...tendo tomado um vivo andamento n'uma forte rampa...



...foi bater de encontro ao muro de uma propriedade,...



... resultando a senhora marquez de X ser projectada a grande distancia, sem comtudo, felizmente...



...soffrer grossa avaria.»

(Do Lüstige Blätter)